

SOBRE A CARIOQUIDADE

Antônio Houaiss

1. Quando um carioca, Nássara (*Rio de Janeiro, 1910 —), consagrou, por 1950, a *balzaquiana*, estava longe de supor, na sua espontaneidade neológica, que iria criar ao tradutor francês uma pequena anomalia morfológica, que afinal de contas este superou respeitando a tradição francesa: *balzacienne*. Pois o fato é que *balzaciana* seria também canônico (em carioca, em brasileiro, em português, até mesmo em *pretoguês*, que os nossos donos de ultramar vibram, ou supõem vibrar, contra a nossa cara). Mas *balzaciana* não teria — é meu pressuposto *post factum*, logo, um pressuposto ou post-suposto — não teria, sim, o sabor maduro e ardente de *balzaquiana*, que, nesse vaivém, já era outrossim *balzaca*, numa derivação regressiva corpulentadora. Isso tudo aí vem a propósito — ou sem ele — de *cariocidade*, que parece tão outra coisa do que intenta dizer, que não hesitaremos na nossa *carioquidade*. *Cariocidade* ou *carioquidade*, seja qual for, o fato é que é algo entre si estranho e, de todos os modos, estranhos em face dos consabidos e reditos *mineiridade* (com *mineirice* e até *mineiricidade*), *paulistanidade* (com *paulistanice*, ambos, subseqüentemente, distinguidos, com aumento de precisão, de *paulistidade* e *paulistice*), *gauchidade* (com *gauchice*) e seria um nunca acabar. O fato é que, também do gentílico de cada unidade nacional, se obtém — para designar coisas, conceitos, ditos, modos, caracteres provindos de — se obtém com facilidade série completa em *-ismo* (*-ista*, *-ístico*, *-izar*, *-ização* etc.): *amazonismo* (da Amazônia, quando se quer distinguir de), *amazonensismo* (do Amazonas), *paraensismo*, *goianismo* etc. (logo, *goianista*, *goianístico*, *goianistizar*, *goianistização*, *goianistizante*, *goianistizável*, *goianistizador* etc.). Em *acrianismo* alguém ponderaria que melhor fora *acrianismo*, que devéis consagrar co-

mo consagrarfeis *serjipanismo* — com jota — . . . Nos em —ice, sinto (só eu?), sentimos algo afim de *sonsice*, *sorrateirice*, *matreirice*, com *meiguice*, que não poucos achariam condizentes com *mineirice*, *gauchice*, *baianice* . . . Mas como dizê-lo, de novo, para com o carioca: *cariocice* (não parece um termo fitofisiológico?) ou *carioquice*? O leitor, logo logo, me dirá que estou perdendo tempo com gramaticices, perdoai-me, gramatiquices. É que, de fato, ele (leitor) e eu dispomos de pouco espaço e tempo, para o que nos foi pedido: sejamos não digressivos. Tentemos, ao menos..

2. O caso é que os cariocas sentimos (ou supomos sentir) que algo nos "une" em face dos outros. Mas é algo tão entranhado que, em lugar de sentirmos nossa carioquidade, sentimos primeiro a nossa vila-isabelidade ou vila-isabelensidade, nossa tijucanidade, nossa grajauensidade, gaveensidade, lemensidade, centrensidade, copacabanensidade, leblonensidade, em suma, nossa . . . sidade. Como qualquer fato cultural, ser carioca é ser unidade de diversidades. Mas o que há de comum nessas diversidades que, juntas, fazem a carioquidade?

3. Há quase consenso entre nós em realçar certo tipo de oponenciação do nosso em face dos outros: carioca não é ser sonso — como diz do mineiro; não é ser vantagista — como se crê (ativa ou passivamente [mas sem malícia]) o gaúcho; não é ser dinheirista — como se assegura ser o paulista; não é ser dengoso-malemolente — como se idealiza o baiano (ou, melhor, a baiana); não é ser irredentista — como se afirma do pernambucano; não é ser, em suma, mocoronço, capiau, cassaco, caipira, caramujo, provinciano. Vai, se tanto, até suburbano, mas amorosamente, como na canção: "minha linda suburbana / por trás da veneziana / vem sorrir nesta canção". A mudança da capital — já faz quase quartel de século — não o alterou, a ele, carioca, pois — se não se sentia metropolitano — não encontrou a tal respeito razão para mudar humores. Humores mudaram, sim, no Brasil inteiro, mas por motivos outros: lá tentaremos chegar.

3.1 Ora, a recíproca busca ser verdadeira: e acontece que cada "outro" olha-diversificadamente para o carioca: o mineiro o vê como algo parlapatão e trapalhão — não se esquece do bonde vendido; o paulista o pinta folgado, nulificante, sexualmente aceso (mas da boca para fora), num balneário em que não se labora, senão para o prazer, degustado de preferência pelos próprios paulistas — os do dinheiro; o gaúcho o vê com a nostalgia de quem amarrou o cavalo no obelisco: incaracterístico e superficial, fácil de ser embaído por propostas inteligentes deles, gaúchos, inteligentíssimos; os capixabas, mais serenos, o vêem com piedosa simpatia, por serem tão contentáveis. Os nordestinos nos vêem — no geral — como salváveis, pois abasileirizáveis (no que desesperam, ante os paulistas, ou, melhormente, paulistanos. . .); e os nortistas fazem outro tanto, com dobra de ternura. Nesse jogo de contrastações, de dentro (do Rio de Janeiro) para fora, de fora para dentro, talvez se chegue a captar ou montar ou idealizar o carioca-padrão, muito mais existente, a existir, como a carioca-padrão: no duplo sentido que qualquer tipo-padrão encerra: no sentido de ser o que efetivamente é ou vem sendo, e no sentido de ser o que imaginariamente vem sendo, tanto no próprio quanto no alheio conceito ou fantasia.

3.2 Admitindo que o carioca como tal tivesse existido desde o nosso início, ele teria sido ou simplesmente o brasílico de certo recanto perto da "cidade"

ou simplesmente o habitante da "casa branca", em oposição à dos brasílicos mesmos, cujas ocas não seriam brancas, ou, por fim, o branco que habitava ocas, o que nos leva aos séculos XVI e XVII. Mas isso nos naufraga no mar da história: o carioca que ora vive no Rio de Janeiro, cidade, e arredores, não é o mesmo ao longo do tempo, nem está registrado de forma inequívoca ao longo do tempo, o que não apenas é racional como também necessário. Eis-nos em face de um quebra-cabeças que, por *distinguos*, monto talvez na minha só própria cabeça: se variou no tempo e se chegou a ser o mosaico atual de bairrismos conviventes e conviviais — houve em algum tempo algo mais do que uma ameoba moral que se multiplicou, multifragmentando-se, fazendo-se um amebário? Mas, se foi assim, não o foi só com o carioca. Não haverá, desse modo, certo deliberado — ou, pelo menos, buscado — simplismo no descrever o carioca e os tipos nacionais que o contrastam? Mas, em compensação, como caracterizar tipos tais sem, concomitantemente, injetar-lhes um pouco de imaginário que seja consensualmente polêmico e aceitável?

3.3 *Carioca*, como vocábulo, se é "habitante branco" ou "habitante branco de casa branca", é concomitantemente, um topônimo de alta precisão nos dias de hoje que vão morrendo: é o nome de um rio (hoje, um cano subterrâneo de minguado curso, poluído) e, mais, de um largo — o Largo da Carioca: o intrigante é o *da*, melhor, o gênero feminino com que sempre foi referido, no século XVI e XVII, pois — parece-me — a primeira referência da palavra — já como gentílico — no gênero masculino é no século XVIII. Palavra, pois, da língua geral, foi notável como indicativa de águas e aguadas: mais tarde, quem as bebesse seria um benquisto da terra, seria um carioca, pelo rio, pelo largo, pela fonte, pelas águas, pelas aguadas, pelo chafariz. Nesse sentido de gentílico, o vocábulo foi evitado pelos agudos, puros e pudicos usuários nativos do português: o nosso Machado de Assis (que juntava agudeza, pureza e pudicícia, mas o fazia com um tempero raro, o da genialidade), nosso Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro 1839 — *id.* 1908) nos (e a si mesmo) chamava fluminenses, que fluminenses — para os do alto — eram os que haviam nascido na cidade do Flumen Ianuarii, Rio de Janeiro, e, *ipso facto*, na província do dito Flumen (afinal de contas, supositivamente, aos olhos dos descobridores, a embocadura da baía da Guanabara em maré vazante forte em mês de janeiro). Para os "de baixo" da capitania, até o século XVIII adentro, os gentílicos eram mais localmente confinados ou mais profissionalmente caracterizados, não importando muito isso que hoje dizemos naturalidade.

3.4 O carioca Antônio Geraldo da Cunha (* Rio de Janeiro 1924 —), no seu *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (São Paulo, 1978) é categórico:

É bastante controvertida a etimologia de *carioca*. Dos numerosos étimos tupis propostos, o que talvez melhor satisfaça às exigências morfológico-semânticas é *kari'oka 'casa do branco' (kari'ua 'homem branco', + 'oka 'casa'). A documentação histórica é, todavia, insuficiente para o estabelecimento dos elos da cadeia evolutiva do tupi para o português.

Esse belo arrazoado, entretanto, parece presumir que, semanticamente, desde sempre *carioca* fosse um como que gentílico. Ora, indo à carioca (ou cario-

quizada) Isa Adonias, uma das maiores cartólogas que tivemos e, graças a Deus, temos, no seu *Catálogo de plantas e mapas da cidade do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1966), no "Índice dos assuntos", ela consigna, sob o tema "aguadas", a "água da Carioca" a partir de um mapa de 1586 e em mais treze, até o século XVIII: o notável, já dito acima, é que *Carioca* é sempre feminino e, mais, locativo: era uma localidade numa parte da cidade, designada no feminino, que era rica de águas, relevantes para as aguadas dos séculos iniciais, relevantes também para o fornecimento da população nos séculos seguintes, fonte e chafariz, por fim, *da Carioca*, cujo largo, *da Carioca*, envolveu a fonte, até que esta, neste século, desaparecesse ou fosse sumariamente canalizada e subcanalizada.

3.4.1 A primeira abonação acolhida no verbete *carioca* do *Dicionário* citado de Antônio Geraldo da Cunha é do jesuíta Luís da Grã, de 1560, e é característica do gênero feminino e do toponímico ou locativo:

... porque eu amoestey ho povo na Villa de São Vicente que se gardasem dos Franceses que antam herão chegados do Ryo de Janeiro, honde vivião lluteranamente, como elles mesmos o pregavão, e se via pellos llyvros que trazião, e que os que vyerão da Carioca erão todos huns; ho que eu emtemdia por Monseor de Bollés e seus companheyros . . .

3.4.2 Já por 1736 se abona (na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 1911,390):

José da Fonseca mosso de vinte sinco annos alto de corpo com dous dentes dissima podres e cobrados filho de hua Carioca q' no Pintagúui matou seu marido . . .

A abonação é rica, porque faz da nossa carioca uma carioca, isto é, gentílica, pela primeira vez; porque a faz uma pré-feminista, maríticida, segundo, e porque nos deixa na insofreável vontade de imaginar — mãe de escravo, aliciado para a mineração . . . O século XIX abona em Martins Pena (Rio de Janeiro 1815 — Lisboa 1848), em José de Alencar tão carioquizado nos seus perfis de mulher (Mecejana CE 1829 — Rio de Janeiro 1877), no visconde de Taunay (Rio de Janeiro 1843 — *id.* 1899), abona — repito — o puro emprego gentílico, masculino e feminino, mas ainda com diferencial linguageiro: *fluminense* era o termo funcional ortodoxo e decoroso; *carioca* era o original, airoso, plebeizante, fraturante, mas emergente. Pois é em *carioca* que estaria esse corpo-alma, não em *fluminense*, distintivo para com as outras províncias, mas, talvez, indistintivo do ponto de vista afetivo-moral.

3.4.2.1 Esse apego a certas feições das palavras étnicas, gentílicas, conexas com tapônimos eloqüentes (tipo Paris: *parigot*, Londres: *cockney*), tais palavras, quando existem na sua autenticidade de criação ou recepção popular, são mais ricas de conteúdo demopsicológico que suas contrapartidas "oficiais": capixaba, barriga-verde, carioca, grapiúna, corumba e equivalentes, muito mais loquazes do que, por exemplo, soteropolitano, fluminense, florianopolitano e quejandos.

4. É-nos, assim, grato reconhecer que a alma (infantil, juvenil, viril, heril, senil) do carioca e o seu corpo, com ademanes e mores, esse corpo-alma tem sido

buscado não apenas por alegados demopsicólogos e sociólogos e culturólogos, senão que sobretudo — e isso é relevante — por homens que, a pretexto de fazerem ficção, isto é, 'fingimento', captaram melhor que ninguém o incaptável por quem busca uma apreensão física, psíquica e moral (costumeira, consuetudinária) com que se possa retratar o carioca.

4.1 Quando se busca alinhar os nomes desses fingidores ou poetas, vê-se logo que se tem de despojar-se do convencionalismo da "naturalidade" (natural da província de, natural do estado de, natural da cidade de. . .); e, como por encanto, vê-se um traço, se não constante, pelo menos antigo e perdurante, da carioquidade: a cidade, ao longo dos tempos, tem sido o crisol (o cadinho em que se funde o ouro) e a cloaca (o vazadouro comum de dejetos) de brasileiros de todos os pontos do país, desde tempos imemoriais ("imemorial" em nossa escala histórico-temporal) — pelo menos desde o último quartel do século XVIII (pois que antes, "normalmente", a cidade crescera com índios pacificados, isto é, tornados párias, com negros escravos, muitos, com um senhorio de escool, pouco, e livres, dependentes desse senhorio, para marcar, capataziar, administrar, mesteirar, muitíssimos deles não-crioulos, isto é, não-nativos do torrão). Por 1808 — e já estamos no século XIX —, a população flúmino-carioca, "urbana", seria de 16-18 mil habitantes, e a urbana, na periferia quase contígua, de uns 20 mil índios, escravos e servos da gleba: quantos seriam "naturais" dela? Teria ela, já, um corpo-e-alma que lhe definisse maneira própria de ser e estar? Tudo leva a crer que sim, a atender ao passado na resistência estudantil a Duguay-Trouin e a levar em conta um dos mais deliciosos depoimentos demopsicológicos que os cariocas temos — escrito um século depois, isto é, nos meados do século XIX, mas relativos a esse "tempo do rei" — 1808 a 1816: refiro-me a Manuel Antônio de Almeida (Rio de Janeiro 1831 — Macaé 1961, nas suas *Memórias de um sargento de milícias*, que não somente "revive" o ambiente carioca pervadido de tricas e futricas judiciárias, senão que também faz recender o flavor sexual das mulatas na imortal Vidinha, com seu Leonardo. . . Seja como for, um toque cortesão — que cidade ou província brasileiras nenhuma puderam ter — deve-se-lhe ter sido sobreposto e em seguida mesclado, ao instalar-se a família real na cidade e dobrar-lhe a população urbana (sem aspas, já agora) com mais 16-18 mil portugueses, não poucos de altas cepas, grande parte dos quais constituída de lisboetas, não sei se já então tidos e ditos como *alfacinhas* (que um etimologista português acha que é posterior, com só encontrar primeira abonação em Garrett, em escrito seu de 1846 — o que torna perfeitamente suspeitável que sua anterioridade, num ambiente puritano verbal, fosse grande). A cidade, em breve, monarquizava-se, embelezava-se (o que, rigorosamente, nunca lhe foi necessário, tanto e tão pródiga fora a natureza ao dar-lhe a moldura e a base que lhe deu, que os interesses imobiliários, por mais torpes que tenham sido e efetivamente foram, não puderam desnaturar e, *Deo volente*, não conseguirão) e, talvez, "aportuguesava-se": parece que a pronúncia lisboeta era, ao tempo, inovadora, isto é, com traços novos próprios dentro de Portugal: o "carioca", como modalidade falada, está — presume-se — preservando até hoje grande força daquelas inovações. Crisol e cloaca, fiquemos com o crisol — que não sou de praticar o que tenho sofrido — ser denunciado como leproso, ou cão raivoso, ou a serviço de forças subter-

rãneas. Crisol, cadinho mesmo, lembremos que o Rio de Janeiro foi mescla — mais ou menos legal, isto é, de papel passado, mais ou menos real, isto é, como Deus e o Diabo foram servidos — e de sua mescla nasceu este povo que, para ser de uma leal e heróica cidade, tinha de ter pelo menos condimentos de lealdade (para com quem, senão que para consigo própria?) e heroicidade.

4.1.1 Quanto a esta, heroicidade, além dos fastos de autodefesa, basta, desde há muito, ver como vive um alto percentual crescente de sua população, os favelados — que iriam ser definitivamente redimidos quando eu era infante quase e esperançoso muito, e agora, muito além do cabo da esperança, vejo multiplicados pelos índices de crescimento absoluto e relativo: e é desse contingente, sofrido e dilapidado, que lhe nascem — à sua cidade que olham de cima e a vêem sempre — os mais belos cantos de amor, dos favelados nas suas favelas, que a adornam — tão pitorescas, tão lindas, tão coloridas por “nossas roupas comuns dependuradas”, num estranho festival da alienação romântica de um seresteiro seu, tão belo e tão falso, Orestes Barbosa (Rio de Janeiro 1893 — *id.* 1966). Adornam de fato a esqualidez, a esqualidez macabra da mais torpe subcondição humana, com batuques, festas, festividades, festanças, com um que outro mutirão, um que outro latrocínio, uns que outros homicídios, uxoricídios, mariticídios, infanticídios, filicídios, uma que outra adoção, caridadezinha, solidariedade, um que outro amor, paixão, desvairo — e grande desvairo: micrópole dentro da macrópole, cada favela (e são centenas) prova a teimosia desse bicho da terra tão pequeno, que sendo tão pequeno, individual e coletivamente, é assim mesmo incapaz de alojar-se em um ponto decoroso da grande mãe antiga, a terra, a nossa terra, a terra dos homens.

4.1.2 Aluísio Azevedo (São Luís MA 1853 — Buenos Aires 1913) foi, sucessivamente, maranhense, carioca e cosmopolita, na sua província natal, no Rio de Janeiro e no alienamento cônsulo-diplomático. No Rio de Janeiro, flagrou *O cortiço* (1890), admirável romance intitulado com uma designação que, de base semântica da língua comum (“casa pequena em que mora muita gente”), no Rio de Janeiro era, variante pejorativa, “casa enorme degradada apinhada de degradados e trabalhadores exploradíssimos” — primeiro tempo de um fenômeno que se fazia de terrível fecundidade torpe: os “marginais” do processo urbano começariam a juntar-se nas vertentes dos morros (em breve, nos lugares, quaisquer, disponíveis), para criarem sua própria subcidade — em que, com os horrores das cidades grandes, logravam fazer brotar mores e sentimentos humanizados. O nome lhes viria, cedo, de um sítio de Canudos, celebrizado pela imprensa do tempo por seu apinhamento humano. No que vai nesses menos que dois séculos de favelas, elas deram o maior escritor brasileiro, um sem-número de poetas populares e músicos de inspiração esplêndida, bem como pugilos e pugilos de trabalhadoras e trabalhadores que sobrevivem à subvida e à exploração com imperturbável coragem e esperança — e seus desatinos e atropelos conexos, por frustração secular. De todos os modos, o prestígio da favela carioca, de sua gente, de seus mores, pode-se medir verbalmente: favelado, favelar, favelizar, favelização afavelar, afavelação, afavelamento, desfavelar, desfavelizar, desfavelização etc. etc. — esta última, desfavelização, sonho proposto por mais de um governo da cidade (e do país, e do estado), pesadelo social crescente, que agora querem ur-

banizar, com planos inclinados, teleféricos e maniganças tais — de que darão *um* exemplo, e estaremos conversados. . . O carioca sabe muito bem disso, nem nutre ilusões: os sonhos e os proponentes dos sonhos passam, a realidade agravada fica. Aluísio Azevedo, assim, como bom carioca de adoção (ainda que provisória), ficou-nos um momento de nossa “primeira” explosão demográfica urbana, com tintas verossímeis, que antecipam o ambiente que iria continuar nas nossas elevações desprezadas pelos menos pobres, menos ricos e quase ricos. Pois os cariocas (nativos ou adotivos) ricos — digo ricos —, estes têm encaves glebosos com águas, flora, fauna, minerália e aérea exclusivas, com polícia, justiça, administração e etceteração próprias (pois é assim a nossa justiça social).

4.2 De fato, o carioca é em grande parte um não-carioca (ou por si mesmo, ou por seus pais ou antepassados). Hospitaleira é, assim, a *civitas*, pois se habituou a ser casa de todos os sem-casa e de todos os que a queiram habitar — sem discriminações. Feroz democracia prática (e quase compulsória, pois não há como fugir para a torre de marfim, pelo menos para nove décimos, ou mais, da população), sofreu todos os preconceitos, venceu-os todos e hoje oferece — mas há mais de meio século — um convívio que se sobrepõe a todas as barreiras, menos as econômico-sociais (que também são superadas em horas, dias, semanas — muito freqüentes — de congração sexual: Pan habita-a há muito — com Eros e Vênus às pencas, para dar e vender — fórmula essa que, na sua equivocidade, vale em todos os sentidos, literal, figurado, superlativo).

4.3 Assim é que, ao tentar alinhar (repito a palavra) nomes dos que souberam captar a alma carioca neste ou aquele pormenor ou pormaior, vejo que não posso ater-me aos naturais da cidade e tenho que incluir os naturalizados por protesto e adoração. Como excluir um pai do verso, prosiverso, versiprosa, como Carlos Drummond de Andrade (Itabira MG 1902—), cuja obra, de profunda mineiridade com universalidade, “implícita” desde 1930 o Rio de Janeiro e sua gente (sobretudo a gente juvenil), o que é coroado (até agora) no poema final do seu último livro, *Corpo* (1984)? Como excluir outro mineiro que, pulverizando nossos bons-mocismos de pseudo-alta-linhagem, fez da prosa brasileira contemporânea, algo sem idade, porque até é futura, esse que se chamou, com a Glória de suas andanças remembrativas, Pedro, que serás sempre, Pedro Nava (Juiz de Fora 1903 — Rio de Janeiro 1984)? Como excluir um paulista, Chico Barbosa, digo, Francisco de Assis Barbosa (Guaratinguetá SP 1914—), e um alagoano, Alberto Passos Guimarães (Maceió AL 1908—), que conhecem: e amam (corpo e alma) o Rio de Janeiro mais que a imensa maioria dos seus nativos e adotivos? Como excluir o mais encantado ipanemense e o mais dulcíflo u usuário da carioquidade verbal, que é Rubem Braga (Cachoeiro do Itapemirim ES 1913—), até no seu vaticínio, *Ai de ti, Copacabana!* (1960)? E quem é que — quatro pilares da carioquidade com universalidade, quase urbano, um, quase suburbano por vezes, outro, urbano, o terceiro, e hiperurbano, o último — e quem é que pergunta de onde é Lima Barreto (Rio de Janeiro 1881 — *id.* 1922), Marques Rebelo (Rio de Janeiro 1907 — *id.* 1973), Sérgio Porto, dito Stanislaw Ponte Preta (Rio de Janeiro 1923 — *id.* 1968), ou Rubem Fonseca (Juiz de Fora MG 1925 —), se, cariocas ou não, sem eles o carioca não teria alcançado o grau de carioquidade ótimo? Róis de nomes assim expressivos seriam, por si, bastan-

tes para pôr em evidência que algo perdurou e algo mudou no carioca ao longo do tempo. Pois como pensar nos cariocas sem notar que seus governantes foram e têm sido em imensa maioria *não* cariocas, senão porque os donos do poder mais alto sempre duvidaram da "lealdade" política carioca para com eles? Como, a tal respeito, não observar que, capital da república até 1960 (e, já antes, do império), não deu jamais um presidente a essa república?

4.4 O que não se pode esquecer, nestas lembranças cariocas, são certos ditos tidos e havidos como boa moeda: "no Rio de Janeiro, quem é pontual perde metade da vida". Isso teria sido dito por um dos nossos mestres da arquitetura brasileira contemporânea — mas temo que o dito, pertencente ao espaço carioca, já não é destes tempos: a opressão, a angústia, a premência, a carência, a carestia, a angústica (repito), o sufoco, a indigência de viver, para a maioria dos cariocas, fazem-se cada vez mais pontual, para um encontro que não se realiza nunca, mas de que não desespera, teimoso — o encontro com a felicidade. Antes, ela era garantida, nem que por um certo tempo, daí o relaxamento da impuntualidade. Hoje, mesmo pontualísimamente, ela ocorre com tal pouquidade, que só o vício de ser feliz a mantém. . .

5. Se desde sempre a diferenciação estrática e classal fez do carioca um tipo diversificado, desde sempre houve fatores de interdependência e convívio, que não apenas os das relações de produção e, *ipso facto*, exploração. Provavelmente, já no correr de todo o século XVIII, seguramente desde cedo no século XIX, éramos — como ainda somos — festeiros: e, se havia os cacumbis, os caxambus, os caxambis, as macumbas, os candomblés escravos, não há como fugir ao fato de que muito branco e muito livre buscavam, para confraternizarem, esses locais de indústria ou de endereço certo: confraternização rítmica e corpórea, batucada. E os saraus senhoriais ou de meras famílias "de respeito" eram, por sua vez, olhados ou entreolhados por escravos de casa e pela arraia-miúda por sobre os parapeitos de grades ou treliças dos janelões ou portas sobre a rua. Havia, assim, a participação central, a da copa, a da cozinha, a do terreiro ou do quintal e a da lua, na rua. E nas procissões e entrudos e são-joões e são-ninguéns, nessas folganças que eram improvisadas ou calendarizadas, profanas ou gregorianas, as classes e os estratos se intermesclavam, mesmo quando a preço de uma rígida hierarquia inicial (depois, ela se relaxava sempre). Nesse ponto, a continuidade festival carioca entra adentro dos dias do amanhã, sem continuidade, apenas que a preços de entrada que lembram as festas de angariamento de fundos dos presidentes *yankées*. . . Na festividade, a música e o canto e a dança quase sempre se achavam presentes, se não desde o primeiro instante, ao menos no arremate, arremate que ia noite adentro. Noite adentro de lampiões. O advento das noites elétricas alargou de muito o tempo festival, e o carioca foi multiplicando os centros de convívio social e sexual: bailes, bailaricos, dancinhas, danças, centros sociais, gafieiras, *dancings*, estudantinas, escolas de samba, danceterias, discotecas — de afluência gratuita (bastava a eventual "consumação") até as de hoje, capitalisticamente organizadas: a evolução das técnicas de congraçamentos pagos tem sido tal, que o carioca, dentro de certos limites, já não busca a *garçonnière* dos idos de 1910-1940, pois a moteleria de todos os níveis continua a luzir — mesmo em crise — forte clientela, de larguíssimo espectro etário. O carioca é — apesar

da opinião do paulista, de que é da boca para fora — o carioca é sexualmente aceso: isso, no tempo. Já hoje em dia é difícil dizer quem é quem, se ele, se ela. Por isso, hoje em dia, ele anda meio tímido e arisco, pois a equalização da permissividade revelou que a voracidade feminina supera de muito a capacidade masculina: há falta de homem no Rio de Janeiro, diz-que. De fato, um certo puritanismo pré-pilular era muito mais função do medo do risco do que função de — digamos — princípios. Estes subsistem, mais autênticos e mais francos, porém, no jogo do sexo. O que — em área conexa: — não deixa de ser fonte de equívocos e injustiças: por largo tempo, na atualidade, o carioca (e o brasileiro) pilheriava sobre (Deus saberá por que) os campistas e os pelotenses, mas fazia-o com a consciência pesada, já que a sexualidade derivativa ou derivada florescia tanto ou mais nos meios monopolizadores ou oligopolizadores de um sexo, assim como nos meios permissivos do sexo: Pan habita o Rio de Janeiro e o Brasil. E o mundo, dir-se-á, o que ninguém há de contestar. Mas que tem havido marcada evolução nos meios e métodos é só ler dos romances românticos amorosos às pornografias e pornochanchadas em curso (ainda que não feitas por cariocas) e aos cursos vivos da Avenida Vieira Souto, Rio de Janeiro RJ BR.

6. O impulso da criatividade carioca conexo com a vida erótica é superiormente manifesto na sua elaboração musical (e nas suas letras, sua interpretação) e na visão satírica de sua caricatura. A congeminação do acústico com o visual é rara, mas ocorre em criadores singulares como Nássara, para só citar um (já referido de início). Inútil remontar ao lundu, a Manuel Antônio de Almeida e a Aluísio Azevedo e aos momentos em que se cristalizaram típicos traços da moda, da modinha, do pré-samba, do pré-fado, do maxixe, da marcha, da marchinha, da canção, da cantiga. O fato real é que, no trânsito do estruendo para o carnaval, começaram a brotar criações musicais populares *ad hoc*, até que, puramente carnavalescas e carnavalescos, aparecem músicas e músicos inesquecíveis, tão assim que, até hoje, nos lampejos em que as bacanais contemporâneas retomam o espírito do carnaval carioca primeiro, de novo esses vestígios do passado revivem. Houve carioca mais carioca que Chiquinha Gonzaga (Rio de Janeiro 1847 — *id.* 1935) e seu "Abre alas" (1899), que todos continuamos a cantar para fechar os carnavais? Quem criou o "Meu boi morreu", cantado a partir de 1916, senão um carioca ou carioquizado? E Eduardo das Neves (Rio de Janeiro 1874 — *id.* 1919) com "Pierrô e Colombina" (1916)? E "Pelo telefone", de Donga (Rio de Janeiro 1891 — *id.* 1972), com matéria já aqui versada ("O chefe da polícia pelo telefone mandou me avisar / que na Carioca tem uma roleta para nós jogar")? E se sucedem e são coetâneos e contemporâneos Sinhô, Freire Júnior, Romeu Silva, Lamartínissimo Babo, Pixinguinha, Ari Barroso, Almirante, Ismael Silva, Francisco Alves, Orestes Barbosa, Nássara (de novo?), André Filho ("Cidade maravilhosa", 1935), João de Barro, Ataulfo Alves, Mário Lago, Benedito Lacerda — todos que, se não cariocas de nascimento, se nutriram de e nutriram o espírito e a alma e o corpo dos cariocas. . . Seria possível multiplicar por dez, dez com louvor, essa relação, sem esgotar os criadores das glórias musicais dos nossos carnavais. Mas, colateralmente, há os poetas do samba, forjadores da alma lírica e satírica carioca, de sua alma política, os demolidores de

nossas glórias, os cantadores dos nossos sonhos e esperanças, como Noel Rosa, Sérgio Ricardo, Edu Lobo, Chiquinho da Viola, Chico Buarque de Holanda, Antônio Carlos Jobim, Vinícius — os, noutro tônus, nossos Villas-Lobos. . .

6.1 O musical é faceta triste da carioidade — em face dos meios mais conspícuos de comunicação eletrônica de massa: quanto melhor, tanto mais alijado das gravadoras e transmissoras: o carioca, hoje, ainda que não queira, consome alienação roqueira mancomunada com grandes lucros de uns poucos autores e intérpretes, lucrofagicamente submetidos à máquina de produzir mediocridade em incessante quantidade. Nossa alma musical, carioca, que veio do lundu, floresceu nos seus múltiplos tipos de samba e de marcha e de canção e de modinha, deperce, hoje, sob estigmas impingidos aos decibéis, ao ruído dos Rocks in Rio e lambanças afins, muito rentáveis, senhores meus. . . No visual da sátira política e social, desde Ângelo Agostini, tivemos Seth e tantos mais, temos Álvaro e Cláudio e Jaguar e Zivaldo (falso caratingano. . .) e Lan e Chico e/ou Caruso e — noutras esferas diversificadas, grandes mestres escritores — humoristas como Millor Fernandes, Carlos Eduardo Novais e — só por acidente — não-Veríssimo. . . O interregno parafascista de 1964 — 1984 marcou fundo essa área da criação carioca (e brasileira): que ressurreições iremos ver?

6.1.1 Mas — perguntar-se-me-á — que é que tem que ver com o carioca-padrão essa linhagem de cariocas de exceção? É que essas exceções são geradas pelo carioca-padrão: o ambiente que é seu, as necessidades lúdicas e espirituais e filosóficas e críticas e cognitivas que são suas, o Rio de Janeiro que é seu, esse ambiente físico e moral, sua corte de necessidades e esperanças, de esperanças e frustrações, de frustrações e teimosias — tudo isso é o caldo de cultura em que nascem os cariocas de exceção como regras quase matematicamente enunciáveis. O carioca de exceção que frustra ou trai o carioca-padrão, esse não entra na história, emigra, desaparece: não por vindita, mas porque, na sua especificidade, ser carioca é algo que repugna, se não se é carioca — entendido? Por isso, o que maravilha nesses cariocas ou carioquizados de exceção é o seu caráter gregarizador e gregário, que ajuda o carioca a ser mais carioca: cariocas de todas as latitudes e longitudes sociais, analfabetos ou eruditos, popopovo ou grangrangranfa, todos se irmanam (pelo menos nisso) no admirar e amar seus artistas vindicadores. De lado, assim, melancolicamente, há que apenas mencionar seus pintores, gravadores, escultores, gráficos, que, visuais, são vistos por uma pequeníssima fração da carioidade: há cidade que encomende menos aos seus artistas para a adornarem do que o Rio de Janeiro? O pretexto é sabido, mas de sabichonice não-carioca: o Rio é tão belo pela própria natureza, que pode ser deixado ao léu: salva-o o riscado de pedra portuguesa da Avenida Atlântica e a fotografia de há quarenta anos do canal do Mangue: e temos (têm) dito. Não, não temos: o carioca sofre com a adulteração galopante dos perfis arbóreos de suas vertentes, que breve não existirão para contar a história da beleza natural ou a história natural da beleza havida em tempos passando do Rio de Janeiro.

7. É fatal que certos temas cariocas aqui tornem. Parecem ser elementos indissociáveis do carioca — tanto no autojulgamento quanto no heterojulgamento — a sua obsessão festival: Capistrano de Abreu a viu brotar no Brasil-colônia, mas só na Bahia essa obsessão se terá radicado tão forte, comparativamen-

te. Não quero, porém, referir-me à festividade hagiográfica, pois o carioca é pobre de cultos festivos, já que São Sebastião não conseguiu passar de coronel, já que São Judas Tadeu é de fato apenas um flamenguista, já que. . . Refiro-me à festinha profana, de improviso, de araque, em que nasciam os sambas, os amores, as tragediinhas, essas que se armavam nos botequins, que se armam nos botequins superstitiosos e outrora se armavam nos bondes, nas esquinas, sob as marquises, nas galerias: penso, é claro, na festança carnavalesquizada, que ia de novembro, perdão, de outubro, emendava com o natal, com o ano-bom, e varava, através do carnaval, até o mês de Maria, maio risonho e hospitaleiro, para redesabrochar nas festas joaninas — e juninas — neologia carioca para coonestar o prolongamento do São João, através de São Pedro, até adentro do calendário. Penso em cada fim de semana pós-carnavalesco e pré-carnavalesco, em que se bate o samba nos arraiais periféricos das escolas, a fim de que se mostre a raça, pois não é só no futebol que ela se manifesta e brilha.

7.1 Essa festividade havia em público e privado. Avós, mães, tias, de outros tempos (não tantos assim), promoviam permanentemente as festinhas familiares — aniversárias, rituais (batizados, nascimentos, formaturas, engajamentos, casamentos e até mortes — como esquecer certa página de Lima Barreto em que nos prova que em épocas o velório era, concomitantemente, hora de namoriscar e mesmo ir além, associando — como que ortodoxopsicanaliticamente — Eros e Tânatos?). Por que depereceram — não morreram —, mas estão minguando dia a dia? Porque a mão-de-obra caseira industrializou-se ou passou para o setor terciário, com atendentes, secretárias, balconistas, giradoras-de-bolsinha, termateiras (as massagistas das termas), termas que superam — diz-que — as romanas e árabes, com oferecer ilhas de paraíso, mercê de rios de trerréis suados, pobres adolescentezinhas, tristes bodões alvos, calvos, papalvos — eis amor de dar com vender. . . Com isso, as avós, tias e mães, matreiras e mãetreiras, apelaram para os restaurantes — cada vez mais inacessíveis: o recurso é o mutirão clubístico. Com isso, o espírito do carioca é hoje saudoso das festas caseiras — saudades dos burburinhos dos estômagos satisfeitos e dos priminhos e das priminhas —, degredados das casas de pastos, recolhendo-se às birosocas e aos sujo's da vida.

7.2 O carioca — em certa faixa etária e temporal — era um aspirante, por princípio, a escritor — ensaio, erudição, genialidade, poesia, ficção: era a época em que, de cada cem, um tinha biblioteca que, de cada dez, era de ocupar todas as paredes da casa, na esperança de que, por estudo ou por osmose, se fizesse a luz e a escrita. Que saía, num caso ou noutro. Era o tempo das discussões — temperadas e/ou aprofundadas — de sabor filosófico, histórico e sobretudo político — não politiquero (o carioca nunca o foi) — em que se definia o homem, se salvava seu resíduo de esperança e se congraçavam gregos e troianos em esquemas de bem-fazer, bem-distribuir, bem-consumir e bem-querer. Se não se salvou a humanidade, a culpa não foi dos cariocas das chopadas sérias: pois que as havia, as chopadas sérias, e eram essas, salvadoras.

7.3 O carioca via a alta banca, a alta finança, a alta economia — e lhes dava um olímpico desprezo: queria-lhes, se tanto, um empreguinho, longe das necessidades inelutáveis sobrevividas, cuja superação demandava um novo tipo de convivialidade, o da *gang*, para os assaltos "cientificamente" planejados: o doce

carioca — que às vezes matava de amor, às vezes furtava de fominha — virou brabo, arrostando e fazendo arrostar as conseqüências de viver numa cidade que se fazia das mais violentas do mundo. Agora, o carioca, em lugar do chope, bebe a sabedoria dos “painéis” radiofônicos ou televisivos, em que eruditos de teorias lhe dizem a ele, carioca, por que ele, carioca, é violento. Mas logo comigo? — pensa o ouvinte-vidente.

8. De direito, o Rio deve ter cerca de 60 milhões de habitantes — e não falemos do Grande Rio: 6 milhões de católicos, 4 milhões de protestantes (nas cerca de 200 denominações convencionais, mais dezenas que ele mesmo, carioca, vem criando), 4 milhões de espíritas, 4 milhões de umbandistas, 5 milhões de crentes, 6 milhões de ex-crentes, 6 milhões de descrentes, além de 30 milhões de esperancistas (esperantistas, a haver, são apenas uma centena): por isso, o carioca muda de religião ou superstição de acordo com a regra da hora, hora essa que lhe vem toda semana (ou várias vezes na semana) para uma fé, digamos mais propriamente, para uma fezinha: que São Jorge ou o santo de sua especial simpatia (permanente ou ocasional) o ajude a tirar o pé da lama, num bichinho, numa loteca, numa lotoca, num bilhete, num carteadado, até numa rinha: fé em fé maior. O fato é que o Rio de Janeiro nunca foi teatro de lutas (guerras de? nem falar!) religiosas: houve lutas interestudentis, que minguraram tanto que parece desapareceram (nunca se sabe se de vez).

9. Traí os Noronhas Santos, os Luíses Edmundo, os Vivaldos Coaracis e tantos e tantos mais, que, em livros deliciosos, tanto souberam dizer do Rio de Janeiro, de suas gentes, dos seus tempos mutantes e de suas graças e esperanças. O meu carioca — que se despe, ingênuo, nestas minhas poucas páginas — teria saído mais factual, mais histórico, mais, quem sabe?, real. Temo, porém, que não saberia vê-lo sob aquelas roupagens. O “meu” carioca é de quem, nascido em Copacabana, guardou na lembrança de um viver já longo uma certa poesia viva que também encontrou em uns poucos poetas vivos ou mortos, cariocas ou não, de palavras ou de sons ou de traços — e com esse aparente mosaico memorialístico sabe conviver com quem quer que seja nas ruas desta cidade, se sujeito de dois ou de cem anos de idade — idade carioca. Pois esses esperancosistas, ainda que trapaceiros ou assaltantes por vezes, só o são por absoluta impossibilidade de não o ser. Juro que, com os tempos mudando e, com as mudanças, as cruzeiras, o carioca volverá a ser o doce de coco de doçura convivial que soube sempre ser — e nem se fale da carioca. Suspeito que o núcleo fundamental desse grande ser social que é o carioca se mantém intacto, na expectativa de florescer em dias melhores. Amém..

(Recebido em dezembro de 1984)